

O Percurso Complexo da Memória¹

Leonel Fernando Aurélio Aires²
Universidade de Santa Cruz do Sul

Resumo

Da literatura a filosofia, da química a biologia, da antropologia a história, o desejo em compreender o que é *memória* tem sido algo recorrente através dos séculos. Muitas são as interpretações, muitas as vertentes científicas e muitas também são as dúvidas que insistem em aparecer e permanecer mesmo depois de descobertas em muitos campos. Este artigo propõe um percurso complexo da memória, desde a Grécia Clássica até a atualidade marcada pelas tecnologias de comunicação.

Palavras-chave

Memória, cibercultura, tecnologia, história

Da literatura a filosofia, da química a biologia, da antropologia a história, o desejo em compreender o que é *memória* tem sido algo recorrente através dos séculos. Muitas são as interpretações, muitas as vertentes científicas e muitas também são as dúvidas que insistem em aparecer e permanecer mesmo depois de descobertas em muitos campos.

Para os antigos gregos a memória era a deusa *Mnemosyne*, mãe das Musas protetoras das Artes e da História. O poder de uma deusa talvez seja a medida certa para a importância que a memória tem para o indivíduo e a sociedade. Somente uma “deusa” pode conferir a imortalidade aos mortais.

O rigor filosófico de Nietzsche lança um outro olhar sobre a memória e o esquecimento.

¹ Trabalho apresentado ao NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa da vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne os outros felizes (Nietzsche, 1983, p.58)

Um outro ângulo aparece, ainda, para atravessar o conceito de memória destes tempos, quando observamos as chamadas novas tecnologias da informação e da comunicação. Quando fugimos das comparações aparentemente fáceis da memória humana com a memória da máquina, enveredamos por um caminho de grandes questionamentos sobre a presença e o papel da memória na sociedade mediatizada atual.

A proposta deste artigo é, a partir de uma teoria da complexidade, estruturada por Morin em *O Método*, traçar um caminho para acompanhar o percurso do conceito de memória e esquecimento ao longo da história, estabelecendo o contato entre as idéias presentes na antigüidade, na modernidade e na hipermodernidade que é trespassada pelas tecnologias de informação (Internet/cibercultura).

1. Da necessidade de um olhar complexo

Para começar a alinhar o primeiro livro da obra “*O Método*”, Edgar Morin constrói uma introdução explicativa do percurso que se vai seguir. “Eu estou cada vez mais convencido de que os problemas cuja urgência nos prende à atualidade exigem que nós nos arranquemos dela para considerá-los em seu fundamento”. (Morin, 2002, p. 21) Este é o caminho que se pretende percorrer neste trabalho.

O que se pretende com este percurso sobre o tema memória não é a busca da conclusão, mas o clareamento das dúvidas.

“O pensamento complexo não visa a ‘totalidade’, no sentido em que este termo substitui uma simplificação atomizante pela simplificação

² Mestre em Comunicação e Cultura/UFRJ, Doutorando em Comunicação/PUCRS e professor do curso de Comunicação Social/UNISC

globalizante, sucedendo a redução ao todo à redução às partes. Visa à relação entre os níveis moleculares/molares/globais”. (Morin, 2002, p.401)

A classificação, catalogação e a ânsia de compartimentar o conhecimento como se não fosse necessária a constante troca de informações entre as áreas do saber é o maior dos equívocos. A separação do conhecimento em esferas diferentes e cobertas por uma membrana quase intransponível faz com que seja ignorado tudo que está fora do domínio de uma área. O conhecimento sem a possibilidade de troca e/ou antagonismo resulta em ignorância. “Hoje, o edifício do saber contemporâneo ergue-se como numa Torre de babel que nos domina mais do que a dominamos” (Morin, 1999, p.20).

2. O que é memória?

A pergunta parece, em um primeiro olhar, fácil de ser respondida, mesmo por aqueles não acostumados às grandes questões acadêmicas. A memória ou a falta dela nos acompanha desde sempre, sendo, pois, muito fácil formular um conceito. A memória é uma lembrança, uma recordação, um arquivo do vivido. Muito mais pode ser dito, mas os conceitos fechados não dão conta de abarcar a complexidade do que, de fato, é a memória.

Para compreender o que é a memória humana, por exemplo, analogias são feitas com a memória de plantas, animais, minerais (os metais que quando aquecidos a altas temperaturas, mudam de forma e mantêm esta forma mesmo quando expostos, novamente, a temperaturas baixas), dos computadores e com a memória das sociedades. Mas analogias e metáforas não fornecem a base científica necessária para empreender um caminho de descobertas mais consistentes sobre o tema. Izquierdo (2004, p.16) alerta para o prejuízo de tentar explicar um tipo de memória por outro. Segundo ele, “a memória humana ou animal se refere àquilo que se armazena, conserva e evoca de sua própria experiência pessoal”. O

conceito elaborado por Izquierdo dá conta de compreender a memória em diferentes dimensões:

Memória é a aquisição, conservação e evocação de informações. A aquisição se denomina também *aprendizado*. A evocação também se denomina *recordação* ou *lembrança*. Só pode se avaliar a memória por meio da evocação. A falta de evocação denomina-se *esquecimento* ou *olvido*. Uma falha geral da evocação de muitas memórias denomina-se *amnésia*. (Izquierdo, 2004, P.15)

A compreensão do conceito do que poderíamos chamar de memória individual é crucial para que possamos alongar nosso olhar para a memória da vida social. Neste sentido a teoria de Morin (2002, p.28) é fundamental. É preciso complexificar, articular o que está separado e reunir o que está disjunto.

Para Le Goff (2003, p. 423), o estudo da memória social é fundamental para a compreensão da história do homem e da sociedade e da constituição do presente. O autor, ancorado nas formulações de Goody, aponta também para a importância de considerar as diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita. Le Goff também vê a necessidade de um olhar complexo para o estudo da memória:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria. (Le Goff, 2003, p.419)

3. Da concepção helênica à cibercultura

A concepção grega arcaica do que significa memória parte de uma matriz divina. A memória é uma deusa (Mnemosine) e como deusa grega que é interfere, com frequência, no

ritmo da vida dos mortais. Mas é ela quem possibilita o caminho para a imortalidade e, desta forma, uma aproximação dos homens com o “lugar” dos deuses. O poeta ou o historiador, protegidos das Musas- filhas da memória, ao registrarem os feitos e a vida dos mortais libertavam estes das amarras do esquecimento para cobri-los com o manto da imortalidade. “Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do Além. A memória aparece então como um dom para iniciados, e a *anamnesis*, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística”. (Le Goff, 2003, p,434)

Mesmo a filosofia grega e um dos seus maiores pensadores, Sócrates, ainda fazem referência ao elemento divino da memória.

Numa passagem célebre de *Teeteto* (191 c-d) de Platão, Sócrates fala do bloco de cera que existe na nossa alma e que é ‘uma dádiva de Mnemosine, mãe da Musa’, o qual nos permite guardar as impressões nele feitas com um estilete. (Le Goff, 2003, p.435)

Da divinização a laicização, os gregos desenvolvem um importante percurso no estudo e na elaboração de uma teoria de uma memória coletiva. A memória deixa de ser somente uma faculdade humana e passa a relacionar-se com toda a sociedade. Em Platão já não encontramos mais as fortes referências divinas. “A memória platônica perdeu o seu aspecto mítico ” (Le Goff, 2003, p. 435).

O processo de laicização da memória e a invenção da escrita permitiram que fosse criada a mnemotécnica, que é a organização da memória ou mesmo ‘memória artificial’.

Dos gregos até a modernidade, a memória tomou caminhos diversos. A literatura, exaustivamente, debruçou-se sobre o tema e grandes obras foram escritas sob a inspiração ou mesmo tendo a memória como foco principal. O clássico maior é a obra “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust. O autor era um obcecado por questões relativas ao tempo, pelo transcorrer dos anos que tudo e a todos modificam sem que algo possa ser feito. É por esta razão que a memória, sobretudo a memória involuntária que pode ser

despertada sem o nosso esforço consciente de recordar, é a base sobre a qual Proust constrói sua obra.

Henri Bergson, antes de tudo um filósofo, nos apresenta uma concepção psicológica de memória. O autor entendia a memória como algo diferente de uma função do cérebro. O cérebro não é o lugar da produção das imagens. Ele apenas as veicula.

Em se tratando de lembranças, o corpo conserva hábitos motores capazes de desempenhar de novo o passado; pode retomar atitudes em que o passado irá se inserir; ou ainda, pela repetição de certos fenômenos cerebrais que prolongaram antigas percepções, irá fornecer à lembrança um ponto de ligação com o atual, um meio de reconquistar na realidade presente uma influência perdida; mas em nenhum caso o cérebro armazenará lembranças ou imagens. (Bergson, 1990, p.185)

Bergson considera central a questão da imagem em sua teoria sobre a memória. No cruzamento da memória com a percepção pura, o autor estabelece uma diferença fundamental:

Na percepção pura, com efeito, o objeto percebido é um objeto presente, um corpo que modifica o nosso. A imagem dele, portanto, é atualmente dada, e a partir daí os fatos nos permitem indiferentemente dizer que as modificações cerebrais esboçam as reações nascentes de nosso corpo ou que elas criam a duplicata consciente da imagem presente. Mas com a memória é bem diferente, pois a lembrança é a representação de um objeto ausente (Bergson, 1990, p.193).

Para o historiador Jacques Le Goff, o século XX, em se tratando do desenvolvimento da memória é revolucionário. No período da Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento das máquinas de calcular acaba por produzir um caminho novo para a memória na sociedade. As operações destas grandes máquinas, entre outros procedimentos, utilizam-se da memória para seus cálculos. A evolução rápida e transformadora destas tecnologias resulta nos computadores que são os grandes motores da sociedade deste tempo. Le Goff alerta para o perigo da exteriorização da memória e da dependência :

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le Goff, 2003, p.471)

Levy aponta para um novo tipo de memória que pode brotar da tecnologia digital da informática. Para o autor, a memória eletrônica é o resultado natural do percurso da memória desde a antiguidade.

O saber informatizado afasta-se tanto da memória (este saber “de cor”), ou ainda a memória, ao informatizar-se, é objetivada a tal ponto que a verdade pode deixar de ser uma questão fundamental, em proveito da operacionalidade e velocidade. (Levy, 1993, p.119)

Mas as possibilidades do mundo que se abre pelas tecnologias dos computadores não é visto em cores tão vivas pelo filósofo Baudrillard. A noção de simulacro do autor pode ser aplicada à memória própria das máquinas.

Talvez não sejamos mais do que espaços pertencentes a ela – o homem transformado em realidade virtual da máquina, seu operador especular, o que corresponde à essência da tela. Há um para além do espelho, mas não o além-tela. As dimensões do próprio tempo confundem-se no tempo real. E a característica de todo e qualquer espaço virtual sendo de estar aí, vazio e logo suscetível de ser preenchido com qualquer coisa, resta entrar, em tempo real, em interação com o vazio. (Baudrillard, 1997, p.147)

4. Considerações finais

Desde a Grécia clássica, quando moldada com elementos divinos, até o aprisionamento digital dos computadores, o percurso da memória tem provocado inquietações e formulações teóricas diversas. O que pode ser observado é que, neste tempo, a memória passa por uma grande transformação ao ser tocada pelas tecnologias de informação e comunicação.

Para Eco, vivemos um momento de crise da memória, pois pensávamos que nossa cultura se definia por uma acumulação ininterrupta de conhecimentos, mas esta é uma falsa idéia.

A história das civilizações é uma sucessão de abismos onde toneladas de conhecimentos desaparecem! Já os gregos foram incapazes de recuperar os conhecimentos matemáticos dos egípcios, o que causou o florescimento de ocultismos que se fundamentam na idéia de recuperação de antigos saberes perdidos. Em seguida a Idade Média perdeu toda a ciência grega, todo o Platão menos um diálogo e a metade de Aristóteles... Poderíamos continuar enumerando por muito tempo. Perceberíamos que em cada época, no decurso de eras, deixamos que se perdesse uma parte dos conhecimentos. (Carrière, 1999,187p)

Para Eco, é preciso ter sempre claro que recordar é selecionar, caso contrário a sociedade ficaria muito parecida com o personagem *Funes*, do conto *Funes, O Memorioso* de Jorge Luis Borges. O personagem de Borges adquirira por acidente a capacidade de registrar todas as informações a sua volta e lembrar de tudo o que havia registrado na memória, o tempo todo.

Vive-se, em dias atuais, um dilema. A memória da máquina é supervalorizada. Há registro de tudo o tempo todo. O passado próximo ou remoto está ao alcance dos dedos e do olhar. Mas há, por outro lado, a desvalorização da memória, visto que esta não é considerada uma atividade essencial para o conhecimento.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. Tela Total: Mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BERGSON, Henri. Matéria e memória. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BORGES, Jorge Luis. Obras Completas. São Paulo: Globo, 2000.

CARRIERE, Jean-Claude (et al) Entrevistas sobre o fim dos tempos. Rio de Janeiro Rocco, 1999.

IZQUIERDO, Ivan. Sobre memória. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

LEVY, Pierre. As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MORIN, Edgar. O método I: a natureza da natureza. Porto Alegre: Sulina, 2002

MORIN, Edgar. O método II: a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. O método III: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. São Paulo: Abril cultural, 1983.